

BRASIL

MEDICINA

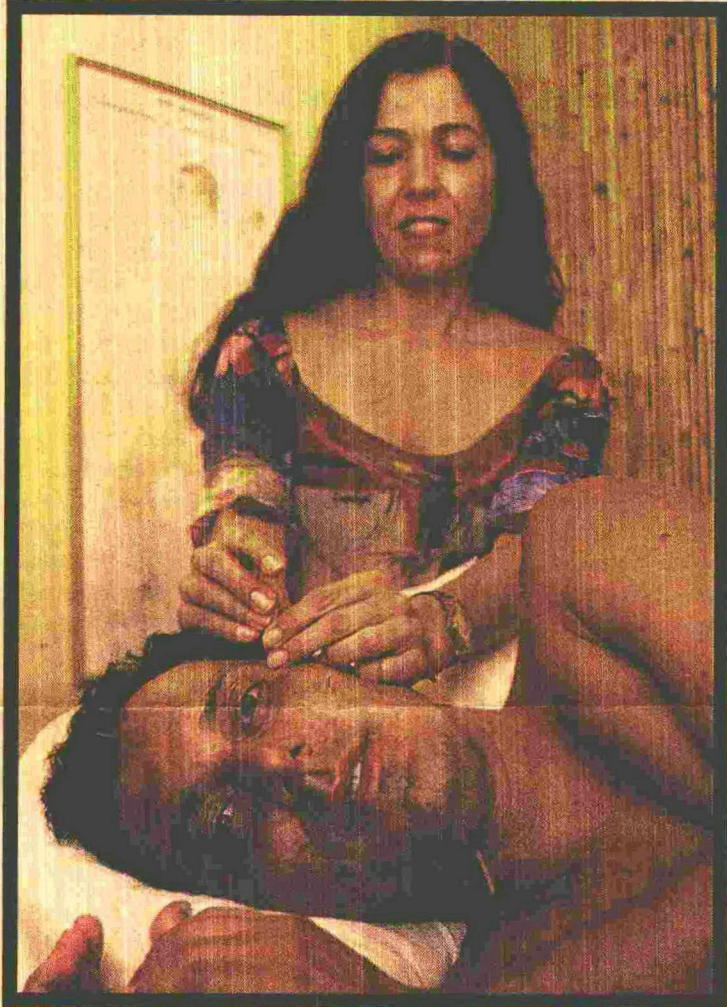
Pesquisa mostra que aumenta na comunidade médica o interesse por procedimentos não convencionais, como uso de florais e análise da íris

Alternativa para a saúde

PALOMA OLIVETO

DA EQUIPE DO CORREIO

Edilson Rodrigues/CB/17.12.04



O MÚSICO GUSTAVO VASCONCELLOS DURANTE SESSÃO DE ACUPUNTURA

Terapias que utilizam estímulos cromáticos, análise da íris, óleos essenciais, florais de Bach e outros procedimentos não convencionais costumam provocar reações adversas em médicos. Além de não terem comprovação científica, os métodos da Medicina Complementar Alternativa são pouco conhecidos pela comunidade médica. Uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo, porém, demonstra que especialistas de várias áreas têm interesse em conhecer melhor as técnicas que prometem maior equilíbrio orgânico e, conseqüentemente, promover o bem-estar.

“O que me chamou atenção foi que 41% dos médicos concordam que é importante ter esse conhecimento durante a graduação”, diz o clínico geral e especialista em acupuntura Kazusei Akiyama, que realizou a pesquisa em sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo (USP). Dos 537 profissionais abordados, 62% afirmaram que têm pouca ou nenhuma informação sobre as terapias complementares, embora 88% deles reconheçam que a demanda por essas práticas exista.

Segundo Akiyama, pelo menos 40% da população de países industrializados recorrem a algum procedimento médico alternativo. “É um fenômeno que vem acontecendo e não se pode fechar os olhos para isso, até porque o médico precisa saber o que realmente faz bem, o que faz mal, o que é ou não ético”, diz. O clínico geral é favorável à criação de uma disciplina sobre a Medicina Complementar Alternativa nos cursos de graduação.

Tema polêmico

Embora concorde com a importância de divulgar as terapias não convencionais no meio médico, o cardiologista Roberto Luiz D’Ávila, diretor do Conselho Federal de Medicina (CFM), acha que a inclusão dessas práticas no currículo acadêmico não é a melhor forma de tornar o assunto conhecido. “Pode dar uma falsa impressão de cientificidade”, diz. Para ele, as universidades deveriam promover simpósios e seminários onde a comunidade médica pudesse ter acesso às informações e debatê-las.

Uma das dificuldades para conseguir o reconhecimento científico das terapias complementares é o preconceito que existe sobre o tema. Kazusei Akiyama afirma que os procedimentos alternativos são tratados de forma pejorativa e diz não ter recebido qualquer apoio do Conselho Regional de Medicina de São Paulo (CRM/SP) durante a realização da pesquisa. “Os médicos têm interesse em conhecer as práticas, mas as instituições médicas ignoram”, afirma.

A falta de normatização dificulta inclusive a definição de terapias complementares. “Dá para resumir a Medicina Alternativa em uma palavra: confusão”, diz Akiyama. Na pesquisa realizada junto à comunidade médica de São Paulo, ele considerou como Medicina Complementar Alternativa as práticas que não são estudadas durante a faculdade. Com isso, entraram na lista Acupuntura e Homeopatia, que já são reconhecidas pelo CFM mas estão fora do currículo do curso.

“Existe um dogma na classe médica de que as estratégias com-

plementares não são científicas. Essa não é a realidade. Muitas já passaram por estudos, mas não vejo interesse da parte dos médicos de nos procurarem para se atualizarem sobre as pesquisas”, conta o presidente da Associação Brasileira de Medicina Complementar, o médico Paulo Luiz Farber, doutor pela USP.

Farber explica que o termo “alternativo” não se aplica mais às práticas não convencionais, já que elas não visam substituir o tratamento alopático. “As estratégias complementares têm como objetivo melhorar a saúde em geral, e não curar especificamente uma doença, como ocorre na medicina tradicional”, diz. Ele também alerta sobre o risco de o paciente abandonar os remédios alopáticos quando sofrem de alguma doença. “Quem tem diabetes pode recorrer a vários procedimentos complementares, mas não pode deixar de tomar insulina. Assim como um hipertenso, caso abandone o remédio convencional, pode ter um acidente vascular cerebral (AVC) e até morrer”, diz.

SEM QUESTÕES ESPIRITUAIS

As terapias complementares, como massagens, Medicina Ortomolecular e florais de Bach não devem ser confundidas com religião. A Associação Brasileira de Medicina Complementar não reconhece práticas que misturam tratamento e fé, como curas espirituais. “Respeitamos a fé dos pacientes, mas religião não é ciência”, explica o médico Paulo Luiz Farber, presidente da associação.

A Medicina Complementar, segundo Farber, faz bem porque cuida do equilíbrio do organismo, evitando que as pessoas fiquem doentes. Há duas décadas o músico e produtor Gustavo Vasconcellos, 37 anos, não toma remédios alopáticos. A prática de exercícios físicos e a alimentação saudável contribuem para que ele nunca fique doente, mas Gustavo também acredita que a acupuntura ajude a equilibrar seu organismo. Há quatro anos, depois de sentir uma dor muito forte na coluna, ele resolveu aderir à técnica das agulhas. Atualmente, faz duas sessões por mês, para manter o corpo saudável. “Confio nos resultados, mas acredito que é um complemento terapêutico, e não um tratamento para uma causa imediata”, diz.

O diretor do Conselho Federal de Medicina (CFM) diz que os médicos são orientados a não reprimir seus pacientes quando estes contam que, paralelamente ao tratamento convencional, fazem uso de terapias complementares. “Se não prejudicar a saúde, não há problema. O que não queremos é que se troque a alopatia pelos métodos alternativos”, diz.

Embora o paciente escape do puxão de orelha, médicos que aplicam as técnicas podem ser punidos pelo CFM, que proíbe o envolvimento dos profissionais com as práticas não reconhecidas. Assim como aconteceu com a acupuntura e a homeopatia, porém, Roberto Luiz D’Ávila diz que qualquer terapia complementar pode receber o aval do Conselho, desde que haja comprovação científica.